

RESENHAS

CHARDIN, Teilhard de,
Meu Universo e A Energia Humana,
São Paulo, Loyola, 1980.

Recordando os 25 anos da morte de Teilhard de Chardin, a Loyola lançou dois ensaios desse filósofo, traduzidos e comentados pelo Dr. José Luiz Archanjo, pesquisador e professor do Centro de Documentação Teilhard.

O primeiro, **Meu Universo**, apresenta uma "síntese fecunda", no dizer do tradutor, da hiperfísica teilhardiana. Data de 1924 e expõe a visão do autor a respeito da sacralidade do mundo.

Na "Introdução", Archanjo situa o ensaio, mostrando-o como a culminação, no plano teórico, de acontecimentos da vida pessoal e intelectual de Teilhard. Precedido por estudos importantes, tal como "A Missa sobre o Mundo"; escrito como resposta ao confronto individual do filósofo com o tempo de guerra, aparece após a obtenção, por Teilhard, de certificados científicos, contactos com a intelectualidade e os estudantes de Paris e com cientistas do Oriente e do Ocidente, e depois da primeira viagem à China, feita pelo pensador francês.

A Hiperfísica, no dizer de José Luiz, estruturada inicialmente neste **Meu Universo**, pretende "Unir o caminhar místico e a investigação científica", criando "uma linguagem comum a filósofos, cientistas e crentes" (p. 14), e oferecendo "(...) uma interpretação (...) geral do Universo" (p.15).

Razões como: coerência, eficácia e convergência dos testemunhos a respeito da visão teilhardiana são apontadas por Archanjo, em favor da aceitabilidade dessa filosofia.

O texto abrange os seguintes itens: I — **Filosofia. A União Criadora**, onde Teilhard indica os **princípios fundamentais** que orientam sua filosofia: o primado da consciência, a fé na vida, a fé no absoluto, a prioridade do todo; explicita a teoria da

união criadora, “que admite que, na atual fase evolutiva do Cosmo (...) tudo se passa como se o Um se formasse por unificações sucessivas (...)” (p.28) e seus corolários, tais como: o princípio de que “Toda consistência vem do Espiritismo” (p. 33); o de “tudo subsiste pelo alto” (p. 34); o da não oposição radical entre espírito e matéria, “duas direções de evolução no interior do Mundo”; o de “influência recíproca do Espírito e da Matéria (...)” (p.35).

O segundo item trata de **Religião. O Cristo Universal**, onde Teilhard demonstra que “**O Cristo não é senão Ômega**” (p. 37), que é o “elemento universal” (p. 39), animador do mundo, propulsor da sacralização do universo.

O terceiro item, **Moral e Mística. A Pré-Adesão**, trata da esperança cristã de conquistar o mundo para Deus e desapegar-se dele, através de ação e comunhão. Teilhard procura “**Consagrar o Mundo por uma fé integral**” que leve “a ver (...) a influência orgânica do Cristo (...)” (p. 58).

O último item, que encerra o texto, intitula-se **História. A Evolução do Mundo**, no qual o filósofo procura compreender o passado e o porvir, esbarrando nos problemas do Mal, do sentido da ação e da história, no significado e papel da ciência.

Meu Universo é comentado por José Luiz, explicitando o significado do vocabulário teilhardiano e as correlações dos princípios e conceitos apresentados, com o restante da obra de Teilhard. Particularmente interessantes nesse sentido são as notas nº 4 à p. 21, em que Archanjo comenta a noção teilhardiana de **verdade**; a nota nº 10, à p. 24, onde o pensamento de Teilhard é confrontado com as teses de Monod; a nota nº 26, à p. 32, esclarecendo a noção de Ômega; a nota nº 56, à p. 53, tratando do problema do mal. As notas indicam bibliografia complementar, o que permite ao leitor aplicar os estudos a respeito de pontos específicos de interesse.

Esse mesmo cuidado caracterizou a tradução comentada de **A Energia Humana**: “a nossa preocupação do tradutor esteve voltada para a fixação de um vocabulário” (p. 70).

O texto data de 1937 e, segundo Archanjo, é bastante atual, uma vez que vivemos o problema da crise de energia e dos recursos energéticos. o fio condutor do texto é o problema da ação. Trata-se de discutir o sentido da ação humana no mundo, como instrumento para uma caminhada em direção a Cristo, energia unificadora de Amor. A ação humana tem um sentido, o de construir o mundo, em direção a um centro, consciente e pessoal. Em conseqüência, diz José Luiz, “(...) a vida inteira (e inclusive a morte) passa a ser, para cada um de nós, uma contínua descoberta e conquista da divina e irresistível Presença” (p. 83).

A Energia Humana está dividida em cinco temas: o primeiro, tem por assunto a **Natureza e Dimensões da Energia Humana** e discorre a respeito da “energia humana elementar” e “a energia humana total: a noosfera” (pp. 88 – 92). O segundo, discute a **Significação e Valor da Energia Humana**. O terceiro, o **Porvir e o Problema da Energia Humana**; o quarto, de **Organização Consciente da Energia Humana**; Chardin trata, aí, de “organização da energia humana elementar” pela personalização e da “organização da energia humana total”, “a alma humana comum” (pp. 99 – 112).

O quinto tema mostra a maturação da energia humana em direção a um Ponto Ômega, supremamente atrativo e estimulador. O fecho do texto tem por assunto **O Amor, Forma Superior da Energia Humana**, que totaliza essa energia, centrando, inicialmente, o indivíduo sobre si e depois harmonizando-o com a humanidade. O Cristianismo traduziria essa energia e também o esforço de transcender o puramente humano, em direção a Ômega, Deus presente no coração do mundo.

Tradutor autorizado pela Fundação Teilhard, da França, José Luiz Archanjo oferece-nos um trabalho cuidadoso, anotações criteriosas, pondo em linguagem acessível ao leigo em filosofia, parte da complexa obra de Teilhard de Chardin.

Constança Marcondes César

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado.

Poder Político e Educação de Elite.

São Paulo, Cortez Editora: Autores Associados, 1980, 144 pp.

Caracteriza-se a obra de Maria Elizabete Sampaio Prado Xavier, pela originalidade, coerência e sensibilidade na abordagem de nossos problemas educacionais. Sua contribuição vem complementar outras obras que tratam da referida problemática abrindo caminhos novos, capazes de promover o aprofundamento e a conscientização de todos quantos se preocupam com o fenômeno educacional.

*

Em se tratando de Educação, o esclarecimento do processo sócio-cultural, responsável pelo atual estado de coisas, constitui, nas palavras de Evaldo Amaro Vieira, uma das mais expressivas contribuições da historiografia, para a educação brasileira. Disto, o livro de Maria Elizabete S. P. Xavier é exemplo privilegiado.

A autora analisa a forma como ocorreu a separação entre povo e escola, já nos primórdios da Independência do Brasil, e como, a partir desta época, ficou definida a exclusividade da educação apenas para certos setores da população. Constatase facilmente a independência da Teoria e da Legislação Educacionais em relação à nossa realidade nacional.

O presente estudo pretende demonstrar a exigência da compreensão do pensamento pedagógico a partir das condições histórico sociais que o geram e determinam. A autora parte da seguinte hipótese básica: "a autonomia do pensamento pedagógico brasileiro é, de fato, uma autonomia aparente, que cumpre a função de colocar a educação a serviço dos interesses dominantes".

Tentando localizar as origens e evidenciar o compromisso ideológico da educação brasileira, a autora analisa as duas primeiras décadas do período monárquico, quando são debatidas a necessidade e a exigência da construção de um sistema educacional, e tomadas as primeiras medidas institucionais nesse sentido.

O segundo capítulo coloca em evidência o problema do desajuste entre as propostas de criação de um novo sistema de educação nacional no período pós-Independência e as condições reais de concretização delas. Tal desajuste existe entre os objetivos proclamados e o encaminhamento das propostas de realização; entre as medidas legais e as condições objetivas da realização; entre proclamações e realizações e entre medidas legais e condições reais. Consultando e analisando os anais do Parlamento Brasileiro, legislações e relatórios ministeriais, a autora conclui, e nós concordamos, que tal desajuste é um marco característico de toda a história da nossa educação.

O capítulo terceiro demonstra que a justificativa para o desajuste constatado está na realidade econômica, política e social do Brasil Independente. Neste prevalecerá o sistema de propriedade e de trabalho escravo com as respectivas relações sociais que ela engendrava e mantinha. Convém lembrar que a Independência do Brasil foi fruto e usufruto de uma classe e não de uma nação. O período, em destaque, foi de grande instabilidade econômica, política e social. O setor da instituição pública pro-

clamando como área prioritária pelo novo governo "autônomo" e "liberal", nada representava no jogo político e econômico do momento. A classe dirigente enquanto arruinava a economia e a finança nacionais em benefício próprio, deixava os prejuízos por conta da Pátria e da população, e se proclamava "preocupada" com a Instrução popular.

O quarto capítulo trata da autonomia aparente do pensamento pedagógico brasileiro nas propostas de construção de um sistema educacional no Brasil Independente. Apresenta o levantamento das explicações comuns do mencionado desajuste e a análise da ingenuidade e insuficiência delas. (São feitas as aproximações interpretativas que apontam a insuficiência das explicações comuns do fenômeno e fundamentam a conclusão da autonomia aparente ou da função ideológica da autonomia do pensamento pedagógico nacional).

O fenômeno da autonomia do pensamento pedagógico brasileiro ter-se-ia originado da situação colonial, como reflexo da contradição externa colônia-metrópole.

A "Ideologia do Colonialismo" passou a ser, a partir da conquista da independência política, o instrumento utilizado pelas classes dominantes para camuflar a injustiça social, que se manteve e justificar a fome, a miséria e a ignorância através dos "traços de caráter" da população nacional.

À exploração colonial portuguesa não se sucedeu apenas a inglesa, mas especialmente a das classes dominantes nacionais sobre o país; após a Independência, passou a ser um empreendimento da classe senhoril nacional, apoiada e financiada pelo denominador externo, "associado" nos lucros dessa exploração. A população nacional, sujeita a essa "dupla exploração colonial", nacional e internacional, viu-se realmente privada de autenticidade cultural, impedida de realizar um projeto humano comum, arrebataada de seu próprio mundo, instrumento a serviço de interesses alheios, objeto e não sujeito da história, alheia a si mesma e impedida de assumir digna e humanamente o seu próprio existir.

A pedagogia moderna, liberal, embora considerasse o homem dentro de seu contexto, inverteu a relação entre ambos com a finalidade de justificar a ordem capitalista. A escola liberal torna-se, nas sociedades onde domina o modo capitalista de produção, um instrumento ideológico essencial à justificação das relações de produção e à transmissão dos instrumentos de dominação no aprendizado diferencial dos conhecimentos e das técnicas.

Razões de ordem interna e externa justificam a "farsa" liberal encerrada nos anos que se sucedem à Independência, na qual a proclamação da educação popular atuou de forma decisiva.

No capítulo quinto que é o das Conclusões, a autora esclarece, mais uma vez, sua intenção de denunciar a forma pela qual a aparente autonomia que tem marcado o nosso pensamento e empreendimentos educacionais, se transforma num eficiente instrumento ideológico a serviço da manutenção da injustiça social; e de como a nossa insuficiente compreensão desse fenômeno contribuiu para esse sucesso. Atribui fundamentalmente a "autonomia" do nosso pensamento e das Instituições Nacionais ao transplante cultural, entendido como instrumento a serviço das nações imperialistas, que mantém a dependência econômica, reforçando-a com a dependência cultural. Acredita ter conseguido demonstrar a importância das contribuições internas do país na determinação da autonomia aparente das propostas educacionais pós-Independência. Claro ficou que a proclamação da escola universal foi uma estratégia ideológica que não apenas cumpriu a função de dissimular as contradições internas, como também de mascarar as divergências em relação aos interesses externos.

A autora expressa, nesta obra, sua preocupação frente a dicotomia existente no processo Educacional Brasileiro: a teoria e a prática e, ainda, a manipulação da Educação como Aparelho Ideológico do Estado. Juntamente com outros inúmeros autores que partilham da mesma problemática, Maria Elizabete entra na luta, tentando descobrir as origens econômico-político-sociais, fazendo uma análise histórica das duas primeiras décadas do país independente. Partindo de objetivos claros, caminha seguramente através de suas análises e de sua acuidade crítica.

Traz ao público discussões parlamentares que permitem a percepção das simulações elaboradas e defendidas pela classe dirigente e dominante. O valor desta obra reside na clareza de suas análises historicamente comprovadas, capazes de evidenciar o desajuste entre as propostas educativas e a realidade nacional pós-Independência.

*

Maria Elizabete Prado Sampaio Xavier é Bacharel em Pedagogia pela PUC/SP, Mestre em Filosofia da Educação e cursa Doutorado de Filosofia da Educação na mesma entidade onde também leciona História da Educação.

A SUMA TEOLÓGICA, de TOMÁS DE AQUINO.
SULINA Editora, LXVI + 456 pp., Vol. I, Cr\$1.200,00.

Foi lançado, há alguns meses, o primeiro volume dessa obra monumental, em edição bilingüe (português — latim) num total de 522 páginas, na primorosa tradução do Prof. Alexandre Corrêa. Resultado da conjugação de esforços e do apoio conjunto da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes dos frades capuchinhos de Porto Alegre, da Livraria Sulina Editora dessa mesma cidade, da Universidade de Caxias do Sul e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; a edição foi preparada e está sendo dirigida pelos professores gaúchos Rovilio Costa e Luís A. de Boni, com uma paciência e um cuidado, muito meticulosos e verdadeiramente beneditinos.

A obra, que constará de dez volumes, em formato 21 X 28, papel bíblia, conterà ao todo cerca de 6 mil páginas, deverá, segundo previsões dos editores, estar impressa até meados de 1981. A assinatura da obra completa ou a aquisição de volumes separados podem ser feitas junto à Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes (Rua Paulino Chaves, 291 — Porto Alegre), à Editora Sulina (Av. Borges de Medeiros, 1030 — Porto Alegre) ou junto às livrarias da Editora Vozes.

A presente edição valeu-se do trabalho do Prof. Alexandre Corrêa, que, durante 12 anos, reservou um horário especial para traduzir, todos os dias, um "artigo" da **Suma**. Em conversa com os professores Rovilio Costa e Luís A. de Boni, revisores do texto, soube ser a tradução modelar e que, dificilmente, no Brasil, se poderia, no momento, fazê-la melhor.

À coragem do editor, Leopoldo Boeck Filho, diretor-presidente das Organizações Sulina Ltda., não podem ser negados os aplausos pela iniciativa. Mas de 10 mil cartas foram por ele enviadas a eventuais interessados na aquisição da obra.

A **Introdução** é do especialista alemão, Martin Grabmann, que em 47 páginas de duas colunas, nos mostra como nasceram e foram estruturadas as Sumas Teológicas em geral, o Espírito e a forma da Suma Teológica, nos quadros da Escolástica Medieval, como explicar e utilizar a Suma Teológica e o seu Plano. Esse estudo é indispensável para se compreender a intenção de Santo Tomás de Aquino.

Diante dum empreendimento editorial de tamanha envergadura, é justo perguntar por que seus coordenadores escolheram Santo Tomás de Aquino e não outro

autor, de maior evidência nos meios acadêmicos e universitários. O Prof. Luís A. DE BONI, na apresentação da obra, levanta idêntica objeção. "Tem ainda cabimento falar no grande clássico da Escolástica num mundo cujos precursores — Kant, Hegel, Feuerbach, Comte, Marx, Freud e Nietzsche, entre outros — recusaram decididos o pensamento e os pressupostos do pensamento medieval?" (p. IX, c. 2). Depois de mostrar como as grandes figuras do pensamento medieval são importantes, hoje, na medida em que são estudadas, tratadas e discutidas de maneira histórica, ele responde às nossas dúvidas com a seguinte argumentação: "A importância e atualidade de Tomás de Aquino não promanam da possibilidade de que algumas de suas idéias possam ser favoravelmente comparadas com idéias modernas, enquanto outras se tornaram arcaicas. Tomás de Aquino é atual na medida em que, juntamente com Francisco de Assis, como nenhum outro, encarnou o renascimento cultural de sua época. Sua atualidade é a de uma civilização e de uma cultura que se encontram como constitutivas nos albores de nossa cultura e de nossa civilização. É atual, não na medida em que disse algo de moderno, mas na medida de plenitude de seu espírito medieval, assim como foram medievais e são atuais os templos góticos, os tercetos de Dante e a pessoa de São Francisco" (p. X, c. 1).

Aqui fica, pois, o convite para a leitura e meditação da **Suma**, bem como o apelo para que nenhuma biblioteca, principalmente de Teologia, Filosofia e Direito, perca essa oportunidade inigualável de enriquecer o seu acervo.

Alino LORENZON